

ESTUDOS CULTURAIS: POSSIBILIDADES DO REFERENCIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ENFERMAGEM

GIOVANA CÓSSIO RODRIGUEZ¹; MICHELE RODRIGUES FONSECA²; JOSÉ
HENRIQUE DIAS DE SOUSA³; CAROLINE DE MELO ORESTE⁴; ÁLVARO LUIZ
MOREIRA HYPÓLITO⁵; FERNANDA SANTANA TRISTÃO⁶

¹Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – giovanacossio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – michelerf@bol.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – zeedds@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – cmcah@live.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – alvaro.hypolito@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – enfermeirafernanda1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A modernidade trouxe uma nova representação da verdade e da racionalidade e a universalização dos fatos. No decorrer dos séculos XVIII e XIX as ideias que envolvem as noções de progresso, história, conhecimento e verdade estão dominadas pelos conceitos de razão, consciência, sujeito, verdade e universal. Na modernidade firma-se o conceito de conhecimento como algo objetivo, analítico e universal. A ciência, seguindo a perspectiva moderna funda-se na racionalidade cognitiva e instrumental, estabelecendo uma relação direta entre o progresso social e científico e é considerada a única forma válida de conhecimento (HENNIGEN, 2007). Nesse período é dada grande relevância à linguagem, conferindo a esta uma estrutura formal e lógica que, auxiliava e disponibilizava novos métodos de investigação para a experiência, ou ciência empírica. Este alicerce era construído por estudos sobre a linguagem que seguiam à lógica matemática (MARCANTONIO, 2007).

Na transição do século XIX para o XX os filósofos passaram a questionar a estrutura formal e lógica conferida à linguagem e passaram a elaborar críticas do sujeito, passando a conferir à linguagem um novo status na investigação filosófica alterando o padrão até então estabelecido. Impulsionado por esse movimento no decorrer do século XX a filosofia ganha um novo contorno, a "virada linguística" ou *linguisticturn*, nome adotado para designar uma filosofia que passa a considerar a linguagem e o processo de significação em outras bases. No lugar de uma filosofia centrada na consciência e no sujeito, reconhece-se uma filosofia que centra a investigação sobre o funcionamento da própria língua e busca esclarecer os problemas filosóficos tradicionais fazendo uma crítica à própria linguagem em que tais problemas são elaborados, propondo um novo enfoque para os velhos problemas da metafísica (RORTY; GHIRALDELLI JR., 2007).

Pode-se dizer que essa nova compreensão dos sujeitos passou a permear uma mudança de paradigma. A concepção moderna de sujeito como o agente criador de culturas, deu lugar ao sujeito que pode ser percebido como constituído e resultado da cultura. A cultura por sua vez, também passa a ter um conceito mais amplo onde a arte, a linguagem, a literatura e a moda, são vistas como muito mais do que apenas coisas criadas sem significado, sentido ou simples hábitos, mas como reflexos dos processos sociais e políticos, um sistema de significações (MACIEL-LIMA; SOUZA-LIMA, 2010). É a partir desta concepção de cultura, que a considera como principal fonte antropológica de uma sociedade,

que surgem os estudos no campo dos Estudos Culturais (EC). É por compreender que tudo é resultante de uma construção cultural que se sustentam os Estudos Culturais, considerando a cultura como fonte segura de compreensão dos sujeitos e rico campo de análise da subjetivação em todas as épocas, que permeia tudo que consumimos e produzimos. Os EC permitem que todas as áreas valham-se da cultura como campo de estudo, inclusive as áreas da saúde. A Enfermagem pode inserir-se nos EC como forma de pesquisa, principalmente quando consideramos que a cultura subjetiva e constrói os sujeitos. Partindo desse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar a vertente Pós-estruturalista dos EC e refletir sobre a contribuição dos EC para a construção de conhecimentos na área da Enfermagem.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica sobre a vertente Pós-estruturalista dos Estudos Culturais e sua relação com a produção científica na área da Enfermagem. Tal reflexão que foi construída a partir do Projeto de Pesquisa Práticas de Gestão Hospitalar Contemporâneas: Governando Sujeitos e Moldando Condutas da Faculdade de Enfermagem da UFPel. A leitura, de livros, teses, dissertações e artigos que deram suporte às fases desta construção. Em complementaridade foram consultadas: a base de dados da Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Estudos Culturais tiveram sua emergência como campo do saber em meados do século XX, indicando as assimetrias implicadas nas relações processadas entre as denominadas “alta cultura” e “baixa cultura”, num momento em que houve a expansão do interesse acerca de tudo que estava associado à cultura, aspecto que Stuart Hall (1997) destaca ser representativo da centralidade da cultura (COSTA, 2004b). Segundo Hall (2006) conferir centralidade à cultura envolve aceitar que essa é capaz de atuar na produção de todos os aspectos da vida social, ou seja, envolve aceitar ser a cultura capaz de adentrar em todos os espaços da vida cotidiana, estando presente nas imagens, nos enunciados, nas formas, nos textos, na moda, nos noticiários, enfim, em tudo que está à nossa volta. Os avanços tecnológicos e a rapidez da propagação da informação possibilitam um movimento de mudança no ritmo, no tempo, na velocidade das informações capazes de suscitar o desenvolvimento de uma atmosfera global cultural. Nesse sentido, a cultura não se restringe mais à estreita visão social das elites porque ela está presente em tudo que consumimos e produzimos. Os trabalhos de Richard Hoggart e Raymond Williams, publicados na década de 1950, projetaram os EC como campo de estudo. Segundo Costa (2004b), as obras *As utilizações da cultura*, de Hoggart, e *Cultura e sociedade 1780-1950*, de Williams, mostravam a ambivalência da identidade cultural dos estudantes de origem popular, que completavam formação universitária. Hall (2003) aponta serem estes trabalhos expoentes no campo, por apresentarem “rupturas” com as tradições de pensamento prevalentes na época em que foram publicados. Ribeiro e Ramalho (1996, apud, WORTMANN, 2005) salientam que o campo dos EC não está restrito aos estudos sobre a cultura, buscando valer-se das contribuições de pensadores das mais diversas áreas para o desenvolvimento de seus estudos, aspecto que tem caracterizado os EC como um campo teórico transdisciplinar.

Segundo Johnson (2000), a possibilidade de 'misturas', bem como de promoção de variadas articulações teóricas e metodológicas, que vão se fazendo face às necessidades reveladas pelas questões de uma pesquisa constituem-se, em síntese, na proposta dos EC, cujo objetivo principal é produzir conhecimentos que sejam úteis para a compreensão dos sujeitos e do mundo.

Costa, Silveira e Sommer (2003) observam que os EC, ao situarem-se na confluência de vários campos do conhecimento já estabelecidos, buscam inspiração em diferentes teorias, rompem lógicas cristalizadas, hibridizando concepções consagradas. Nesse sentido, destacamos que algumas vertentes dos EC se articulam com as perspectivas pós-estruturalistas e se dispõem a romper com as formas tradicionais de investigação centradas em metanarrativas da modernidade; metanarrativas essas que pretendiam atribuir clareza e rigor bem como estabelecer os métodos e teorias essenciais à análise dos fenômenos. Além disso, tais perspectivas assumem que o significado não é pré-existente e sim, cultural e socialmente produzido, estando sempre implicadas, nessas produções, relações de poder. Para Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (1995), “A metodologia dos EC possui uma marca desconfortável, pois eles não têm nenhuma metodologia distinta, nenhuma análise estatística, etnometodológica, ou textual singular que possam reivindicar como sua” (p.9). Ou seja, sua metodologia, ambígua, desde a emergência do campo, pode ser entendida como uma bricolage. Costa (2004a) os define como “saberes nômades que migram de uma disciplina para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano” (p.13). Na definição de Johnson (2000, p.29), os EC consistiriam em “abstrair, descrever e reconstituir (...) as formas através das quais os seres humanos “vivem”, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente”.

A partir disso, podemos considerar que as percepções, as interpretações e as práticas de saúde são produtos culturais socialmente construídos, nos permitindo pensar que os significados dados aos corpos, a morte e a vida, por exemplo, são moldados culturalmente, não sendo definidos apenas pelo olhar biológico (TRISTÃO; AMESTOY, 2013). Seguindo esta perspectiva, os Estudos Culturais nos permitem analisar os manuais, textos, informativos, entre outros materiais, como artefatos culturais, produtores de significados, que subjetivam as condutas e valores dos sujeitos, interpelando a vida das pessoas, das instituições de saúde, cursos de graduação de enfermagem e mídia (TRISTÃO; AMESTOY, 2013).

Com isso, seguir a perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais possibilita que os estudos na área da Enfermagem circulem além do biológico, propiciando a reflexão e problematização quanto à construção de saberes, práticas e verdades instituídas, principalmente em questões relacionadas à saúde e doenças, e como tais passam a ser aceitos e normalizados (TRISTÃO; AMESTOY, 2013).

4. CONCLUSÕES

Assumir uma perspectiva teórico-metodológica diferente das habituais no campo da saúde é um desafio. No caso dos EC é buscar pensar como os saberes e as práticas são constituídas e buscar diferentes entendimentos sobre situações, questões e temas com os quais lidamos em nosso cotidiano. A aproximação com as teorizações do campo dos EC em sua articulação com a enfermagem possibilita rompermos com algumas antigas certezas, pois nesse campo as

certezas, bem como as verdades, precisam ser constantemente colocadas sob suspeita e olhadas com desconfiança. A escolha do campo dos EC configura-se como uma escolha fértil para problematizar a forma como vemos e pensamos a “realidade” na qual estamos inseridos profissionalmente: a área da Saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Inês HENNIGEN. **A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos**. Cadernos de Educação, FaE, PPGE, UFPel, Pelotas v.29, p.191 - 208, julho/dezembro, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1788/1670>>
- MARCANTONIO, J. M. A virada linguística e os novos rumos da filosofia. **Revista do Curso de Direito**, V. 4, N 4, 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/RFD/article/view/518>>
- RORTY, R.; GHIRALDELLI Jr., P. **Ensaaios pragmatistas**. Rio de Janeiro: DPA, 2006.
- MACIEL-LIMA, S. M.; SOUZA-LIMA, J. E. O sujeito pós-moderno no debate cultural contemporâneo. **Polis**, Revista de la Universidad Bolivariana, v. 9, n. 27, p. 199-217, 2010.
- HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul.-dez. 1997.
- _____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Sovik Liv (org) Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- _____. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 11ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- COSTA, M. V. Mídia, Magistério e política cultural. In: COSTA, M. V. (Org). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004b, p. 73-91.
- MATTELART, A.; NEVEU, É. Os anos de Birmingham (1964-1980): a primavera dos Estudos Culturais. In: MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 55-93.
- RIBEIRO, A. S.; RAMALHO, M. I. Dos estudos literários aos estudos culturais? **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Nov. 1998 – Fev. 1999. N. 52/53.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, estudos culturais. In: JOHNSON, R.; ESCOSTEGUY, A. C.; SCHULMAN, N. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** (Org. e Trad.). Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, 9-131.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, educação e pedagogias. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 23, p. 36-61, mai.-ago. 2003.
- NELSON, C.; TREICHELER, P.; GROSSBERG, L. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TRISTÃO, F. S.; AMESTOY, S. C. **Aproximações entre os estudos culturais e a pesquisa no campo da enfermagem**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 17, 2013. Anais... Natal, p.02672-02674, 2013. Disponível em: <http://www.abeneventos.com.br/anais_senpe/17senpe/pdf/1700po.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.